

Rogério Moura Pinheiro: Políticas de gestão universitária nas fontes jornalísticas de 1995¹

José Victor César Batista de Oliveira

Graduando em História na Universidade Federal de Alagoas; bolsista do PIBIC/UFAL

victor.cesar.batista@outlook.com

RESUMO

O presente trabalho tem a intenção de discorrer acerca das políticas de gestão universitária de Rogério Moura Pinheiro, reitor da Universidade Federal de Alagoas entre 1995 e 2002. Lançando mão das fontes jornalísticas impressas de 1995 com a intermediação das ferramentas da observação histórica e crítica textual de Marc Bloch, a fim da problematização e identificação das políticas de gestão que florescem das matérias noticiária de novembro de 1995, mês da posse do Reitor. Para atingir ao fim das análises das políticas de gestão, uma compreensão dos caminhos do ensino superior em Alagoas.

PALAVRAS-CHAVE: Rogério Moura Pinheiro; Gestão; Universidade Federal de Alagoas.

Introdução: As fontes jornalísticas e a historiografia

O século XX foi marcado por uma enorme discussão relativa as fontes históricas. Opondo-se à escola metódica Alemã, os membros da revista dos *Annales* deram grande efervescência ao debate, propondo tanto ampliação dos objetos de estudo da História quanto do universo das fontes do historiador. Apesar da grande influência dos *Annales*, os traços deixados pelos metódicos produzem desdobramentos na prática historiográfica até os dias hodiernos. Uma das marcas da escola metódica na ciência historiográfica é a ocupação central dos documentos na atividade do historiador que tem como aspiração maior a busca da “verdade dos fatos”. Como bem frisou Jacques Le Goff:

O documento que, para a escola histórica positivista do fim do século XIX e do início do século XX, será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica (LE GOFF, 2017, p. 462).

¹ Este trabalho é parte integrante do projeto de pesquisa: “A Universidade em tempos democráticos: biografias, memórias e o significado do ensino superior em Alagoas, 1983-2016”, que tem como orientador Professor Dr. José Vieira da Cruz.

Anais do V ENHS – Encontro Nacional de História do Sertão – A Interdisciplinaridade na História: diálogos entre política, economia, sociedade e cultura. Delmiro Gouveia-AL, Universidade Federal de Alagoas, 04 a 07 de dezembro de 2018.

ISSN 2525-5274.

<https://doity.com.br/anais/v-enhs>

Essa marca trará um desdobramento significativo para nossa discussão. Pois, apesar dos periódicos ser fontes impressas escrita, isto é, um requisito basilar para ser tratado como documento na tradição histórica metódica, os jornais não gozaram de um status de documento durante significativo período. Tania Regina Luca sintetiza algumas razões:

Os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas “enciclopédias do cotidiano” continham registros fragmentários do presente, realizado sobre o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez de permitirem de captar o ocorrido, dele forneciam apenas imagens parciais, distorcidas e subjetivas (LUCA, 2006, p.112).

Como mencionamos anteriormente, os *Annales* criticaram essa postura, contudo, como também Tania Regina de Luca formula, isto: “não implicou o reconhecimento imediato das potencialidades da imprensa, que continuou relegada a uma espécie de limbo” (LUCA, 2006, p. 112). Os jornais ganharão status de fonte no universo dos historiadores paulatinamente. No Brasil, haverá antes um interesse pela História da imprensa do que uma história a partir do material produzido pela imprensa. Foi então a partir da década de 70 com a chamada renovação historiográfica nascente da intitulada *Nouvelle Histoire* ou Nova História que os jornais irão ganhar grande visibilidade no mundo dos historiadores.

Segue após o ganho da visibilidade, um momento na historiografia com uma série de discussões teóricas concernentes ao uso dos jornais. Inclusive contestações das formulações que foram citadas por Tania Regina Luca e aqui referenciadas acima. Maria Helena Capelato, coloca-nos algumas das contestações que surgiram da seguinte maneira:" jornal não é um transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos e tampouco uma fonte desprezível porque permeada pela subjetividade” (CAPELATO, 1988, p. 21). Seguindo esse ritmo, na média que ganha espaço, também é ampliada as discussões sobre o que consistia em ser uma narrativa jornalística entre outros aspectos. Aqui, nesse trabalho procuro desprendimento de duas perspectivas polares, uma que os jornais são fiéis narradores da realidade e outra que os jornais são uma espécie de “falseadores” da realidade dos acontecimentos. Partindo do abandono destas perspectivas, consideramos que apesar do jornal apresentar uma tendência de escrito dos acontecimentos viesado com os interesses de estruturas de poder constituídas, ainda assim podemos encontrar neles elementos que correspondem à realidade narrada, isto alcançado a partir da crítica, interrogação e cruzamento das fontes.

Rogério Moura Pinheiro e as políticas de gestão

Anais do V ENHS – Encontro Nacional de História do Sertão – A Interdisciplinaridade na História: diálogos entre política, economia, sociedade e cultura. Delmiro Gouveia-AL, Universidade Federal de Alagoas, 04 a 07 de dezembro de 2018.

ISSN 2525-5274.

<https://doity.com.br/anais/v-enhs>

Rogério Moura Pinheiro torna-se oficialmente reitor da Universidade Federal de Alagoas em novembro de 1995. Empreendo aqui, a busca pela identificação e problematização das políticas de gestão nos jornais de novembro de 1995. Antes de adentrar nos jornais e discorrer uma reflexão, faz-se necessário uma colocação. No que diz respeito as fontes com as quais lidamos, a saber, as fontes jornalísticas, além do que já foi dito no tópico acima, vale salientar que elas estão vinculadas com o que poderíamos chamar de história ordeira. Pois, em geral, nos textos jornalísticos e isto inclui os quais iremos analisar, a postura do homem público, havendo inúmeras exceções obviamente, é de apresentar-se, manifestar-se de acordo com o que é ordeiro, isto é, em conformidade com as expectativas da sua época e seu público ouvinte, havendo alguma opinião da pessoa pública que divergiria da opinião dominante dentro do universo e contexto no qual ela está inserida, seria muito provavelmente omitida. Nesse sentido, delineamos aqui nosso alcance de análise. E este é, dentro do universo público. As políticas e projetos de gestão de Rogério Moura Pinheiro revelado dentro da esfera pública. Tendo feito esta consideração, folheamos os jornais.

Uma política de ruptura

Ao folhear os jornais da Gazeta de Alagoas do mês de novembro de 1995, encontramos em uma das epígrafes do jornal do primeiro dia do mês, a menção e apresentação do Reitor que assumiria em algumas semanas uma nova gestão da UFAL. Ao que tudo indica, aquela apresentação é resultado de uma conversa que o Jornalista institucional da Gazeta de Alagoas teve com Rogério. A leitura primária daquele texto jornalístico, coloca-nos diante de alguns desafios. Em busca de encontrar políticas e projetos de gestão, aspirando conseguir isso a partir das falas que desabrocham do próprio Rogério, o nosso primeiro texto jornalístico apresenta em muitos momentos uma espécie de paráfrase de pensamentos de Rogério, construída pelo jornalista. Isto implica que as nossas primeiras fontes passam por um filtro. Isto leva-nos ao que Marc Bloch disse: “ Toda coletânea de coisas vistas é, em uma boa metade, de coisas vistas por outro” (Bloch,2002, p. 70). Esta limitação imposta pela escrita da matéria, será dirimida com o cruzamento com outras matérias, onde há a ocorrência direta da fala de Rogério Moura Pinheiro.

Iremos evocar diretamente Marc Bloch para análise da primeira fonte e as que sucedem. A priori, deixemos explícito a ferramenta usada. A primeira ferramenta é relacionada a discussão por ele desenvolvida relativa ao testemunho na história. Para ele, os documentos que

estão a serviço do historiador se dividem em dois grandes grupos. Um, são documentos que prestam um “depoimento” intencional ou voluntário e um outro grupo são os documentos que depõem de modo não intencional. Esses últimos são aqueles que uma vez “produzidos”, não tem um público leitor previamente estabelecido e pensado. Por nossas fontes colocar-se naquele primeiro grupo, faz-se assim ainda mais necessário o método de observação do testemunho histórico que dá devida atenção ao que é dito sem ter pretendido explicitamente dizer. É uma atenção não apenas ao depoimento, mas ao que subjaz ao depoimento. Conforme Marc Bloch coloca:

Do mesmo modo, até nos testemunhos mais resolutamente voluntários, o que os textos nos dizem expressamente deixou hoje em dia de ser o objeto predileto de nossa atenção. Apegamo-nos geralmente com muito mais ardor ao que ele nos deixa entender, sem haver pretendido dizê-lo” (Bloch, 2002, p. 78).

Penso que não seja necessário fazer desta ferramenta de análise histórica um critério de análise absoluto, colocando tudo sob escrutínio da mesma. Mas, usando-a, sem deixar de considerar suas limitações. Tendo exposto nossa ferramenta de análise, reproduzimos aqui o primeiro trecho da matéria do dia primeiro de novembro de 1995 da Gazeta de Alagoas. Segue o que havia na matéria daquela ocasião:

Ele comentou que há uma tradição cultural na UFAL de priorizar a atividade administrativa. Por essa razão, suas instalações são constantemente adequadas, enquanto as instalações acadêmicas são bem estragadas. Afirmou ainda que a qualidade de ensino está acima de qualquer outra realização, onde pretende criar toda uma infra-estrutura para atender a esta prioridade (GAZETA DE ALAGOAS, 1995, p.4).

No primeiro trecho, encontramos um momento em que o jornalista informa que Rogério via uma tradição cultural na Ufal de priorizar a atividade administrativa e em seguida é mencionada uma das suas prioridades de gestão, a mudança do enfoque da parte administrativa para área acadêmica. Uma vez que a matéria apresenta primeiro a perspectiva de Rogério sobre o que tem sido a Universidade até então e em seguida o que Rogério pensa o que ela deveria vir a ser em sua gestão, percebemos que há na matéria elementos que nos faz entender que há na cosmovisão de Rogério um projeto e uma política de descontinuidade. Há uma tradição cultural institucional, mas o enfoque a partir daquele momento com a sua gestão rompia ou pelo menos pretendia romper com aquela tradição. É um projeto ou política de gestão anunciado promover uma descontinuidade com a cultura institucional. Mas, o que viria a ser esta cultura

institucional? Nesse ponto, urge utilizar da interdisciplinaridade, recorrendo a uma definição de cultura institucional dada pelo campo do saber que se debruça sobre gestão institucional. Entre algumas definições possíveis, trazemos de Edgar Schein (1992), citado por Victor Meyer Júnior, onde, cultura institucional é:

Conjunto de pressupostos básicos que um grupo incorporou ao solucionar problemas de adaptação externa e integração interna e que funcionaram bem a ponto de serem válidos e ensinados a nossos membros como a forma correta de perceber, pensar e sentir em relação a esses problemas (JÚNIOR apud SCHEIN, 2006, p.378-379).

Seguindo essa definição e com base na observação histórica da matéria, dizemos que o projeto de Gestão de Rogério Moura Pinheiro dentro da esfera pública apresenta-se como sendo um projeto de ruptura com conjunto de pressupostos básicos de funcionamento da instituição, incorporados pelas gestões anteriores.

O que acentua ainda mais a nossa compreensão de projeto e política de gestão de ruptura é um outro trecho da mesma matéria em que é dito pelo Jornalista que para Rogério, deveria haver uma quebra do corporativismo da comunidade universitária. Vejamos: “Na sua opinião, a universidade hoje encontra-se bastante distante de anseios da comunidade, daí a necessidade da quebra desse corporativismo da comunidade universitária, para uma maior aproximação com a sociedade em geral” (GAZETA DE ALAGOAS, 1995, p.9).

Anteriormente, no início deste tópico, foi dito que tínhamos uma limitação, haja vista as paráfrases que eram feitas em relação ao pensamento de Rogério Moura Pinheiro. Entretanto, ao averiguar o jornal do dia 29 de novembro, encontramos um momento onde há uma narrativa de Rogério que reforçam as nossas proposições anteriores. Vejamos:

É preocupante pelo fato de que nossa história não tem sido muito pródiga no desenvolvimento acadêmico-científico. Ela tem privilegiado sobretudo a parte administrativa, não podemos continuar sem dar satisfação à sociedade (GAZETA DE ALAGOAS, 1995, p. 9).

E uma narrativa similar a esta acima, também encontramos em outro periódico daquele ano. Na matéria do *O Jornal* havia o registro da fala: “Temos que dar satisfação à sociedade. Não podemos permitir que a prática administrativa continue sendo a principal parte privilegiada” (O JORNAL, 1995, p.4).

Há elementos nestas falas que além de acentuar a compreensão de uma gestão caracterizada pela ruptura, eles direcionam para um outro tópico. Nas falas, Rogério ressalta a

necessidade de a Universidade prestar e dar satisfação à sociedade. Esse ponto de estreitar a relação entre Universidade e Sociedade será abordado a seguir.

Uma política de aproximação de universidade e sociedade

A necessidade de um Universidade que esteja atenta aos problemas da sua época e ambiente social que está inserida vem sendo conclamada. Antônio Carlos Caruso, afirmava em 1995:

Deve o reitor conhecer os grandes temas de sua época e despertar a universidade para participar de seus estudos e soluções. Deve procurar fazer a universidade liderar a sociedade rumo ao desenvolvimento e, sobretudo, à valorização do ser humano (RONCA, 1995, p. 38).

Levando em consideração que esta perspectiva de criação de laços entre universidade e sociedade é dominante desde aquele momento em que a gestão de Rogério estava por acontecer, tendo como evidencia desta assertiva a própria obra de 1995 supracitada, fomos impulsionados a interrogar os jornais em busca de encontrar esse entendimento cristalizado na cosmovisão do Reitor e em alguma meta de gestão. Mas, o contato com as fontes redirecionou o caminho, antes de entrar nas falas de Rogério e perceber a relação de um projeto com cordão ligado aos anseios da sociedade, decidimos averiguar os jornais de pelo menos de alguns meses do ano da posse e ver quais são os anseios sociais que os veículos de comunicação nós apresentam. E sem nós limitar ao puro registro da fala encontrada no jornal. Conforme Marc Bloch frisou sobre a tarefa dos historiadores: “em que não nos resignamos mais a registrar simplesmente as palavras de nossas testemunhas...” (Bloch, 2002, p.78).

Iniciamos pelo Jornal da Gazeta de Alagoas do mês de janeiro de 1995. Não foi intencional a escolha, foi o que estava melhor disponível na Biblioteca Estadual Graciliano Ramos, um dos lugares de pesquisa. Contudo, o primeiro contato deixou evidente a virtude de ler aqueles jornais a fim de encontrar anseios sociais. Porquanto, um tom prospectivo permeia toda produção das matérias daquele mês. Por um tom prospectivo, entendo um ato das matérias buscar lançar os olhos para mais adiante. Sempre parecendo está dirigida para a indagação sobre quais seriam os maiores desafios sociais que mais necessitava atenção das autoridades públicas. Um destes desafios presentes nas matérias é a situação da saúde pública. No dia 03 de janeiro, há a presença de uma matéria intitulada: “Decretada calamidade pública na saúde” (GAZETA DE ALAGOAS, 1995, p.3). A situação havia chegado a tal ponto! E não era apenas um

noticiário que trazia isto, outros dias daquele mesmo mês, havia a comumente ressalva da necessidade de medidas por parte dos governantes a fim de atenuar a situação da saúde pública em Alagoas. Aquele mal-estar retratado continuará aparecendo em várias matérias ao longo do ano, sobretudo no mês novembro, justamente o mês da posse de Rogério Moura Pinheiro.

No periódico *O JORNAL* duas matérias se destacam, uma sobre os Hospitais privados que naquele período ameaçavam parar de atender pelo SUS (Sistema único de Saúde), outra que noticiava a efetivação da paralisação. Na primeira, encontramos a fala de Humberto Gomes, presidente outrora do sindicato dos hospitais, onde ele se referia a ameaça de paralisação dizendo: “Se isso acontecer será o caos total do setor da saúde do estado” (*O JORNAL*, 1995, p. 4).

A área da saúde pública dentro da história de Alagoas experimentou na década de 70 uma injeção de crescimento qualitativo com forte influência da Universidade Federal de Alagoas. Como o historiador Elcio menciona: “As atividades na área da saúde seriam significativamente ampliadas com o funcionamento do Hospital Universitário e a estadia em Maceió, por convênio, do Navio-Hospital SS Hope, pertencente a uma fundação norte-americana” (*VERÇOSA*, 1997, p. 155).

Além da situação da saúde pública em Alagoas apresentar-se em situação calamitosa de acordo com o que colhemos, havia também essa relação histórica da Universidade Federal de Alagoas com a saúde pública. Exercendo um papel de melhoramento da saúde pública do estado dentro da História de Alagoas. Desta forma, se existia um projeto de gestão que visava a aproximação entre Universidade e sociedade, seria coerente e bem adequado encontramos um momento onde o reitor manifestaria algum aspecto da sua gestão que atingiria positivamente a situação da saúde pública do estado. Reforço, não apenas pelo seu estado naqueles dias, mas como falado anteriormente, por ela ter relações com a Universidade Federal de Alagoas por conta da existência do Hospital Universitário. Essa expectativa é contemplada pelo reitor. Ele não deixou de mencionar ao jornalista a necessidade de ampliação de leitos do Hospital Universitário. Então, escreve sumariamente o jornalista na matéria: “Ele anunciou a preocupação da nova gestão em relação da ampliação de leitos do Hospital Universitário” (*GAZETA DE ALAGOAS*, 1995, p. 2).

Considerações finais

Anais do V ENHS – Encontro Nacional de História do Sertão – A Interdisciplinaridade na História: diálogos entre política, economia, sociedade e cultura. Delmiro Gouveia-AL, Universidade Federal de Alagoas, 04 a 07 de dezembro de 2018.

ISSN 2525-5274.

<https://doity.com.br/anais/v-enhs>

Em decorrência do que temos pesquisado, percebemos que as análises das políticas de gestão convertem-se em conhecimento biográfico, haja vista que nos faz entender a cosmovisão de Rogério Moura Pinheiro revelada no “formato” de discurso das políticas de gestão nos noticiários. E este discurso por sua vez, enquanto pesquisado e estudado, implica em compreensão do percurso do ensino superior em Alagoas. Portanto, dizemos com isso que a inquirição biográfica de Rogério Moura Pinheiro permite conhecer uma realidade do mundo do biografado.

Nesse sentido, há horizontes de conhecimento histórico da história da Universidade Federal de Alagoas a partir da pesquisa das políticas de gestão de Rogério Moura Pinheiro, e quando acompanhamos este conhecimento com uma observação histórica do curso da história de Alagoas feitas ao longo das breves reflexões desta pesquisa em progresso, podemos inferir que a temporalidade de 1995 é uma das lacunas de tempo na história da Universidade Federal de Alagoas onde mais urgiu a necessidade desta instituição de ensino superior ser atuante no que diz respeito a saúde pública do estado. Conseguimos perceber o quanto esta relação de serventia começa a ser formada a partir da combinação de contingências históricas que remontam a década de 70, década da formação do hospital universitário. Dessa maneira, não se trata de uma relação originária nem na prática administrativa de gestores e nem no discurso de Rogério Moura Pinheiro. A postura de Rogério Moura Pinheiro em contemplar na sua fala a questão da saúde pública em Alagoas, é efeito das contingências históricas e não o contrário.

Além disso, percebemos que a proposta de gestão Universitária é feita a partir de construções de continuidades e descontinuidades. Isso fica evidente a partir do discurso de Rogério caracterizado sobretudo pela forte ênfase da necessidade de rompimento com as práticas de gestão anteriores. Portanto, a gestão de Rogério Moura Pinheiro é apresentada a romper com esse corporativismo que mantém a universidade distante dos anseios da comunidade e da sociedade em geral (GAZETA DE ALAGOAS, 1995, p.4).

Por fim, salientamos o caráter provisório das nossas considerações finais tendo em vista que esta pesquisa está em progresso, ainda restando etapas fundamentais tais como o cruzamento com outras fontes, com a oralidade de Rogério Moura Pinheiro e outros personagens que fizeram e foram feitos pela Universidade Federal de Alagoas na temporalidade de 1995.

Referências bibliográficas

- ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru: Edusc, 2006.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história: ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- BIBLIOTECA ESTADUAL GRACILIANO RAMOS. **Gazeta de Alagoas**. Maceió, Janeiro de 1995.
- CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.
- DA SILVA, José Carlos Almeida. **A gestão da universidade brasileira: a visão dos reitores**. São Paulo: Editora Unimep, 1995.
- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO. **Gazeta de Alagoas**. Novo reitor da UFAL descarta contratações. Nº, ano, Maceió, 01 de novembro de 1995, p.4.
- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO. **Gazeta de Alagoas**. Decretada Calamidade pública na saúde, nº, ano, Maceió, 03 de janeiro de 1995, p. 3.
- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO. **Gazeta de Alagoas**. Novo Reitor da Universidade assume hoje, nº, ano, Maceió, 29 de Janeiro de 1995, p. 9.
- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO. **O Jornal**. Rogério Moura Pinheiro assume hoje a reitoria da Ufal prometendo mudanças na instituição, nº 366, ano, Maceió, 29 de novembro de 1995, p. 4.
- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO. **O Jornal**. Hospitais privados vão parar de atender pelo Sus, nº 346, ano, Maceió, 2 de novembro de 1995, p.4.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 2003.
- PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- VERÇOSA, Elcio de Gusmão. **História do ensino superior em Alagoas**. Maceió: Edufal, 1997.